



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação *Lato Sensu*

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO *EM E PARA OS*
DIREITOS HUMANOS, NO CONTEXTO DA DIVERSIDADE
CULTURAL - EEDH**

LEONARDO SILVA FLÔRES

**CAMINHOS E DESCOBERTAS PEDAGÓGICAS:
UM ESTUDO SOBRE A IDENTIDADE DE GÊNERO E A
ORIENTAÇÃO SEXUAL**

BRASÍLIA

2015



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação *Lato Sensu*

LEONARDO SILVA FLÔRES

**CAMINHOS E DESCOBERTAS PEDAGÓGICAS:
UM ESTUDO SOBRE A IDENTIDADE DE GÊNERO E A
ORIENTAÇÃO SEXUAL**

Monografia apresentada à Universidade de Brasília (UnB), como requisito para obtenção de grau de Especialista em Educação em e para os Direitos Humanos, no contexto da Diversidade Cultural.

Professora Orientadora: Dr^a. Patrícia C. Campos
Ramos

BRASÍLIA

2015

Flôres, Leonardo Silva.

Caminhos e descobertas pedagógicas: Um estudo sobre a identidade de gênero e a orientação sexual. – Brasília, 2015.

Monografia (Especialização) – Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, EaD, 2015.

Orientadora: Dr^a. Patrícia C. Campos Ramos.

LEONARDO SILVA FLÔRES

**CAMINHOS E DESCOBERTAS PEDAGÓGICAS:
UM ESTUDO SOBRE A IDENTIDADE DE GÊNERO E A ORIENTAÇÃO
SEXUAL**

A Comissão Examinadora, abaixo identificada, aprova o Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos, no contexto da Diversidade Cultural do (a) aluno (a)

Leonardo Silva Flôres

Dr^a. Patrícia C. Campos Ramos

Professora Orientadora

Ma. Juliana Crespo Lopes

Professora avaliadora

—
Brasília, de de

Agradeço a Deus e Nossa Senhora pela força e fé na construção do meu desenvolvimento intelectual, agradeço à minha mãe pelo suporte e a Leilson Bezerra dos Santos, homem de admiração e motivação que desempenhou importante papel com seu exemplo de vida para a realização desta pesquisa.

Dedico a realização desta pesquisa aos professores, pais e estudantes que fizeram, fazem e farão parte da minha caminhada pedagógica, à qual sempre estiveram abertos a oxigenar seus pensamentos e desconstruir conceitos discriminatórios.

RESUMO

Com esta pesquisa, temos a intenção de esclarecer os conceitos de identidade de gênero e orientação sexual, e contribuir com a descentralização de que a heterossexualidade é a única orientação existente e correta a ser seguida como padrão hegemônico. O silêncio e a negação sobre a discussão da orientação sexual, nos livros didáticos e nas escolas, contribuem para a violência contra estudantes que se identificam em uma situação não heteronormativa, que dentro da escola são coagidos, segregados e violentados por sua condição sexual, condição que acaba por trazer transtornos psicológicos e físicos aos estudantes homossexuais. Nestes casos, cabe a escola e aos profissionais que nela trabalham acolher o estudante de forma a integrá-lo em seu processo pedagógico e social. Para isso serão discutidas possibilidades de formação pedagógico e social, respeitando a diversidade do educando homossexual participante do Ensino Básico de escolas públicas na região administrativa de Taguatinga no Distrito Federal, com atenção para os Direitos Humanos e o respeito na diversidade com estudantes LGBTs (Gays, Lésbicas, Bissexuais, Transgênero, Travestis e Transexuais) em geral. Como parte da metodologia adotada, realizamos questionários com professores e outros profissionais da área da educação, de séries iniciais do Ensino Fundamental, que expuseram de forma anônima seus conhecimentos sobre orientação sexual, identidade de gênero e metodologias de ensino utilizadas com estudantes não pertencentes aos padrões heteronormativos, a fim de explicar a fase diagnóstica. Uma vez percebida as necessidades de rever conceitos, buscar conhecimento e adaptações pedagógicas os professores, participaram de uma ação interventiva realizada no horário de coordenação coletiva dos profissionais. Por meio de uma apresentação em *power point* (Anexo 1) apresentamos o material selecionado de acordo com as necessidades do grupo, onde todos os participantes puderam contribuir com o desenvolvimento da temática dos Direitos Humanos em identidade de gênero e orientação sexual. Uma formação complementar por meio de ação interventiva sobre o estudo de gênero contribuirá para que o professor possa desenvolver suas atividades em sala de aula, visando o crescimento do estudante de forma mais integrada e multidisciplinar, respeitando os temas transversais exigidos pelas normas educacionais em suas diversidades incorporadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Concluimos que, de forma dialógica, os profissionais da área da educação podem e devem contribuir com o

desenvolvimento do estudante, respeitando sua condição social e sexual, deixando de lado opiniões pessoais e crenças, pois independente dos “achismos” somos todos semelhantes e merecedores de respeito pela condição humana. Cabe à escola e aos profissionais que nela trabalham acolher o estudante de forma a integrá-lo em seu processo pedagógico e social.

Palavras chaves: Identidade de gênero, orientação sexual, homofobia, sexualidade, direitos humanos, educação.

SUMÁRIO

Introdução-----	09
Problematização-----	11
Objetivo geral -----	11
Objetivo específico -----	12
Justificativa-----	12
Fundamentação teórica -----	13
1 - Especificidade da orientação sexual e da identidade de gênero-----	13
1.1 Identidade de gênero-----	15
1.2 Orientação sexual-----	18
1.3 Homossexualidade-----	20
1.4 Breve histórico da homossexualidade e suas lutas sociais em Direitos Humanos-	22
2 - A formação pedagógica e social: respeito à diversidade do estudante em sua orientação sexual de formas dialógicas-----	28
3 - Desconstruindo conceitos heteronormativos em busca dos Direitos Humanos-----	32
Metodologia -----	34
Ações Interventivas-----	35
Análise e Discussão do Processo de Intervenção-----	38
Considerações finais-----	43
Referências-----	46

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi construída por meio de um levantamento bibliográfico sobre a temática de gênero e suas especificidades, onde serão discutidos conceitos como identidade de gênero e orientação sexual e de que forma estes conceitos interferem no desenvolvimento educacional e social do ser humano.

A busca pela compreensão sobre o estudo de gênero contribuirá para que o professor possa desenvolver suas atividades em sala de aula, visando o crescimento do estudante de forma mais integrada e multidisciplinar, respeitando os temas transversais exigidos pelas normas educacionais em suas diversidades incorporadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais: “as questões da Ética, da Pluralidade Cultural, do Meio Ambiente, da Saúde e da Orientação Sexual”. (BRASIL, 1997, p.14).

Em alguns casos, o silêncio e a negação sobre a discussão da orientação sexual, nos livros didáticos e nas escolas, contribuem para a violência contra estudantes que se identificam em uma situação não heteronormativa, e pode incitar o ódio e a intransigência aos estudantes heterossexuais perante esta diversidade, pois, lhe são colocados em diferentes níveis educacionais e sociais que o que não é “normal” é tido como errado e deve ser punido, extirpado.

“A sexualidade é o aspecto mais conflituoso, controverso e desconhecido do ser humano. A nossa cultura lida mal com esse importante aspecto da vida e, para agravar, cria modelos estanques nos quais pretende encaixar e classificar as pessoas. Esses moldes, muitos dos quais baseados apenas no preconceito e na falta de informação, não nos permitem que sejamos exatamente aquilo que somos ou que poderíamos ser”. (Ribeiro, 2012 *apud* Costa, 1994 p. 450).

A “normalidade” de gênero estabelecida socialmente é a heterossexual, isto é, quando existe uma relação entre os sexos opostos (ex: macho e fêmea). No caso, a orientação sexual homo é quando a relação existe entre o mesmo sexo (ex: macho e macho ou fêmea e fêmea). Como socialmente a construção sobre a herança cultural deste tema é a heteronormatividade, o que acontece é que o que foge à regra é tido como anomalia (errado). Porém a sexualidade humana pode ser entendida além dos fatores fisiológicos, conforme citação a seguir:

“[...] ao redor dos nossos corpos estão os modos como percebemos, sentimos, definimos, entendemos e, acima de tudo, praticamos o sexo, isso significa que a sexualidade humana vai muito além dos fatores meramente fisiológicos, pois é transpassada por concepções, valores e regras que determinam, em cada sociedade, em cada grupo social e em cada momento da história aquilo que é tido com certo ou errado, apropriado ou impróprio, digno ou indecente”. (Ribeiro *apud* Costa 1994, p.451).

Os padrões sociais estão sempre em desenvolvimento e, devido a conquistas das lutas sociais de grupos marginalizados, os estudos sobre comportamento, sociedade, educação e Direitos Humanos está transformando a realidade violenta em vivências mais tolerantes com o “outro” e levantando a importância sobre o respeitando à diversidade.

Sabemos que o grande desenvolvimento social acontecerá dentro da sala de aula, com uma educação de qualidade. Por isso, esta pesquisa ganha força sobre a ressignificação de conceitos pré-concebidos e reproduzidos de forma violenta contra seus desiguais. A segregação de grupos sociais que se tornam maioria socialmente marginalizada contribui para o empobrecimento social e humano de uma classe, sendo esta desvalorizada e diminuída perante sua condição humana e, também, em seus direitos.

Há muito tempo a educação tradicional abriu espaço para o ensino progressista e suas análises críticas de conteúdo, mas ao adentrarmos uma sala de aula muitos professores continuam atuando como se o modelo tradicional imperasse sobre seu quadro e sobre seu giz, destilando em seus estudantes preconceitos herdados culturalmente, na maioria das vezes sem saber ao menos o que levou a aquela formação de pensar/conceito.

O estudo continuado de professores e a construção desta pesquisa pode ser um ganho para a contribuição social e pedagógica, pois, assim podemos contribuir para que o professor se atualize em suas necessidades educacionais e para um desenvolvimento mais justo da sociedade, valorizando o respeito à diversidade e agregando valores positivos.

PROBLEMATIZAÇÃO

A presente pesquisa visa à promoção de um estudo voltado às questões de identidade de gênero e, principalmente, sobre a orientação sexual do educando para auxiliar o trabalho do professor em sala de aula. Visa, também, conhecer a realidade e realizar um projeto de intervenção a partir das necessidades identificadas na atuação de professores de séries iniciais sobre o desenvolvimento pedagógico e social com alunos que apresentem uma orientação sexual homossexual.

O intuito do projeto de intervenção não é a segregação ou separação deste grupo de pessoas, mas a consolidação sobre a garantia dos Direitos Humanos à educação formal e informal de qualidade que respeite sua diversidade, auxiliando na construção de suas relações sociais, desenvolvidas ao longo da vivência educacional.

As relações estabelecidas socialmente, em ambiente educacional, contribuem para a construção do ser humano cidadão; do mesmo modo, as violências ligadas à exclusão também contribuem negativamente para esta formação, uma vez que durante seu processo de construção os participantes foram excluídos por não haver identificação com o “outro”, pois este “outro” ao qual ele supostamente se identificaria não existe, principalmente, pelo silêncio e pela negação de sua existência perante as diretrizes educacionais e sociais.

A pergunta que norteará o trabalho será:

De que forma ocorre o desenvolvimento social e pedagógico dos estudantes e dos professores das séries iniciais a partir da orientação sexual e identidade de gênero, quando estas não se encaixam aos padrões heteronormativos?

OBJETIVO GERAL

Identificar e discutir as possibilidades de formação pedagógica e social, respeitando a diversidade do educando homossexual participante do Ensino Básico de escola pública na região administrativa de Taguatinga no Distrito Federal.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Compreender os conceitos de orientação sexual e identidade de gênero e suas especificidades.
- Desenvolver uma intervenção com foco na formação pedagógica e social respeitando a diversidade do estudante em sua orientação sexual.
- Contribuir com as futuras gerações sociais em seus direitos humanos, na desconstrução de conceitos previamente estabelecidos por uma sociedade heteronormativa e, na busca da ressignificação de valores e conceitos pertinentes às formações sociais contemporâneas.

JUSTIFICATIVA

Durante a educação básica, para muitos de nós, o corredor de uma escola pode se tornar um pesadelo cheio de consequências emocionais. Por isto, torna-se importante para maior conhecimento teórico a busca de novos caminhos e possibilidades para os professores e estudantes de se entenderem enquanto humanos em seus direitos e deveres acordados pelo respeito à subjetividade do outro.

Segundo Lopes (2004), operamos historicamente em um campo disciplinador, via de regra comprometido com a integração social e pouco afeito às transgressões, onde a subversão, nem sempre é bem-vinda, mas, às vezes, “acontece e pode representar oxigenação” (p.25). Esta citação oxigena uma reflexão sobre as novas formas de contribuição pedagógica que podem ser desenvolvidas com os estudantes em sala de aula ou mesmo em atividades extracurriculares e outros momentos de interação social. Afinal, a formação para a cidadania acontece a todo o momento e não se pode deixar de ser observada e ressignificada, respeitando o outro na sua diversidade, e fazendo parte do currículo formal e informal. Em seguida apresentaremos a fundamentação teórica.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1 - Especificidade da orientação sexual e da identidade de gênero

Atualmente, as Diretrizes de Bases da Educação Nacional (1996), em conjunto com os PCNs - Parâmetro Curricular Nacional (1997) oferecem aos docentes uma proposta de ensino sobre os temas transversais que devem ser desenvolvidos junto aos estudantes em seu período de aprendizagem do Ensino Fundamental. Fazem parte dos temas transversais a educação no campo, gênero e diversidade, cultura de paz, direitos humanos, ensino especial, étnico-racial e educação ambiental, que acabam abarcando em miúdos o que se tem em documento citado por González e Castro (2015) no texto: Direitos Humanos, Cultura da Paz e Currículo Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (1997), ao apresentarem a discussão da temática por meio de propostas, como eixos transversais, da educação para a diversidade, da educação para a cidadania, da educação para a sustentabilidade e da educação para e em direitos humanos.

Dentro desta proposta temos o assunto sexualidade, tema não reflexivo por parte da maioria dos professores atuais, pois se trata de um assunto pouco debatido e fundamentado por eles, porém causador de silenciamentos, violências e preconceitos, chegando até mesmo a não aceitação sobre a condição de orientação sexual do *outro* que não seja heterossexual.

Confundem-se muito os assuntos sexualidade e sexo. Nos livros didáticos é encontrado apenas o estudo sobre o sexo como este sendo responsável pela reprodução e procriação humana, enquanto o tema sexualidade fica a cargo dos profissionais mais sensíveis e abertos a essa reflexão e que procuram conhecimento para embasar seu trabalho docente junto aos seus estudantes.

É muito frequente a reprodução do conhecimento adquirido por herança cultural, seja ela por questões emocionais ou definições subjetivas. Essa reprodução pode chegar aos livros didáticos, devido a profissionais que viveram e se formaram em outro momento social e não estão abertos aos novos conceitos e adequação da condição humana.

Como sabemos, os livros didáticos funcionam, em muitos casos como verdadeiras “bíblis” para determinados grupos sociais, por isso é tão importante que o material disponibilizado seja contextualizado à contemporaneidade que vivemos e, principalmente,

livre da reprodução de preconceitos e discriminações, assim deixando aberta a possibilidade de novas formações de conceitos e realidades, desenvolvendo um senso crítico mais humano.

Não só em relação a militância (Gays, Lésbicas, Bissexuais, Transgênero, Travestis e Transexuais) LGBTs, mas em âmbito social, cultural, econômico, civil e tantos outros, temos no Brasil uma política de guerra e violência a qualquer intolerância ao diferente do padrão heterossexual e isso é repassado aos estudantes quando ainda estão em seu período de formação educacional.

Na pesquisa “Qual a diversidade sexual dos livros didáticos brasileiros?” (Brasil, 2007), por exemplo, concluiu-se que existe um silenciamento como forma de preconceito na temática de orientação sexual homossexual e que os estudos realizados com os estudantes nos livros didáticos se remetem apenas as questões fisiológicas do corpo:

O projeto foi realizado entre 2007 e 2008, teve financiamento do Ministério da Saúde, Programa Nacional de DST e Aids, Anis – Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero, 50 Homofobia e Educação e do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime, além de apoio das Universidades de Brasília, Bahia, São Paulo e Rio Grande do Sul.

“A pesquisa qualitativa foi realizada em uma amostra de 67 dos 98 livros didáticos mais distribuídos pelo PNLD e pelo PNLEM, bem como no universo de 25 dicionários distribuídos pelo PNLD 2006/Dicionários e pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) de 1998. Foram selecionados livros de disciplinas que pudessem contemplar a temática da sexualidade no conteúdo programático. Em relação ao ensino fundamental, examinaram-se obras de alfabetização, português, ciências e história; quanto ao ensino médio, português, biologia e história. A análise partiu da centralidade ocupada pelo livro didático no processo de ensino-aprendizagem das escolas públicas do país para avaliar como valores essenciais à cultura dos direitos humanos, tais como tolerância e pluralismo, vêm sendo incorporados ao universo escolar” (Brasil, 2015).

As diversidades encontradas nas orientações sexuais e nas identidades de gênero causam, na sociedade, uma construção desnecessária de agressividade e condenação por parte do *outro* não heterossexual. O incomum, ou simplesmente o que não segue as regras e os padrões heteronormativos impostos, social e culturalmente, é tratado de forma marginalizada perante a sociedade por ser diferente, e consigo carrega a provocação do medo aos que estão ao seu redor por não saberem lidar com esta diversidade. É muito comum condenar quem é diferente simplesmente por ser diferente, por meio das fobias agregadas a muita, muita violência física e psíquica.

A escola, enquanto também estabelecimento de opressão, acaba acarretando em seus agentes a descentralização do preconceito e as fobias generalizadas.

Processos de doenças psicológicas e físicas são a prova de que o preconceito ao diferente, à diversidade, transformam crianças em adultos complexados e cheios de transtornos, em uma sociedade humanamente doente.

Para compreender melhor a orientação sexual e a identidade de gênero em suas especificidades, as relações dialógicas devem ser estabelecidas durante o processo de formação deste novo conceito, tendo a atenção de não misturar opinião pessoal com necessidades ligadas ao respeito à diversidade em seus Direitos Humanos.

Em seguida iremos observar alguns conceitos que tem o papel de contribuir com a compreensão sobre as especificidades da temática em sexualidade. Tais definições não são regras ou conceitos fechados; servirão apenas, para elucidação podendo ser desconstruídas e adaptadas conforme as necessidades vigentes.

1.1 Identidade de gênero

Esta temática está diretamente ligada às questões de formação do “eu” de como a pessoa se identifica enquanto a sua sexualidade, sendo esta: masculina (XY carga genética), feminina (XX carga genética) ou terceiro sexo/sexo neutro/terceiro gênero (que não se encaixa em nenhum dos dois citados anteriormente).

“Em regra, parte-se do pressuposto que a definição do sexo do ser humano é feita com base nos órgãos genitais externos que, desde a fase embrionária, desenvolvem-se com maior ênfase a partir da sétima semana de gravidez. É dito com maior ênfase, porque, segundo descobertas de dois embriologistas alemães, Wolff e Muller, as estruturas definidoras do sexo passam, ou a se desenvolverem, ou a se retraírem, conforme o cromossomo “y”, ou o “x” que faz o par com o “x” sempre existente, mas nenhuma das duas deixa definitivamente de existir” (NETO & AGNOLETI, 2008 p. 3).

@¹ hermafrodita é a pessoa que possui os genitais masculino e feminino ao mesmo tempo fisiologicamente (XXY carga genética), porém sua identidade de gênero pode ser masculino, feminino ou terceiro sexo.

@ transexual é a pessoa que possui sua identidade de gênero diferente da sua condição fisiológica. Não necessariamente possui cirurgia de resignação sexual (troca do

¹ O @ (arroba) será utilizado para melhor adequação da concordância nominal na frase dos artigos A e O.

sexo fisiológico) normalmente faz uso de hormônios para a modificação corporal para que este fique o mais próximo do desejado e harmonicamente condizente com sua identidade de gênero natural.

@ travesti é a pessoa que possui o órgão sexual masculino e procura utilizar vestes e comportamentos ‘ditos’ femininos, normalmente sente atração pelo mesmo sexo, considerando-se homossexuais, mas isso não impede de ter relações sexuais com o sexo oposto sendo assim, heterossexuais. Algumas buscam pela aplicação de silicone no corpo principalmente nos seios e nádegas, ingerem hormônios femininos, obtém prazer com seu órgão masculino, o pênis e não procuram a cirurgia de resignação sexual (BRASIL, 2004, p.72).

Esta pesquisa se fixará apenas na identidade de gênero condizente com sua condição fisiológica, por exemplo, masculino no corpo masculino e feminino no corpo feminino. Não serão desenvolvidas escritas substanciais, apenas citações caso necessárias sobre as condições hermafroditas, travestis e/ou transexuais.

A identidade de gênero apenas identifica como a pessoa se vê, como ela se reconhece, seja masculino, feminino ou terceiro sexo. É muito comum a pessoa antes de nascer, ter sua identidade sexual definida apenas pelos órgãos genitais, caso a pessoa nasça com pênis, obrigatoriamente precisa ser homem forte, viril, másculo e não demonstrar sensibilidade. No caso de a pessoa nascer com uma vagina obrigatoriamente usará rosa, será sensível, doce e delicada, porém nem sempre é assim.

O comportamento definido para homens e mulheres atravessa gerações e é culturalmente difundido como padrão a ser seguido, os casos que fogem a esta ‘regra’ são considerados desviados, comportamentos tortos que devem ser corrigidos.

A identificação pelo gênero sexual está relacionada às construções históricas, culturais e sociais ao longo da evolução humana, assim como afirma Ribeiro (2012): “O gênero é uma construção erigida sobre crenças, normas, hábitos, valores, práticas e atitudes, onde a diferença biológica entre homens e mulheres é hierarquizada, sendo-lhe atribuído um significado cultural” (p. 451), portanto não é uma questão de escolha e, sim, de condição e construção.

Nas esferas religiosas, políticas, educativas, científicas e jurídicas o posicionamento em relação à identidade de gênero é única e categórica, adotando uma construção binária onde todos devem ser encaixados entre o sentido homem ou mulher, masculino ou feminino, sempre relacionado com suas condições fisiológicas, porém, as novas posições

sociais por meio de suas mobilizações e confrontos trazem à contemporaneidade uma nova forma de se relacionar com a diversidade, dialogando sobre o respeito às diferenças e desenvolvendo novos conceitos.

As construções sociais voltadas à identidade de gênero promovem a descentralização da relação heterossexual, como sendo esta a condição social ‘normal’ padrão a ser adotada, assim como afirma Bento (2006) apud Neto e Agnaleti (p. 5).

“Discorrendo sobre a questão de gênero a partir da heteronormatividade, Bento afirma que: A visão que define gênero como algo que as sociedades criam para significar as diferenças dos corpos sexualizados assentasse em uma dicotomia entre sexos (natureza) versus gênero (cultura). Segundo essa visão, cada cultura moldaria, imprimiria suas marcas nesse corpo inerte e diferenciado sexualmente pela natureza. Ao contrário, segundo Butler, podemos analisar gênero como uma sofisticada tecnologia social heteronormativa, operacionalizada pelas instituições médicas, lingüísticas, domésticas, escolares e que produzem constantemente corpos-homens e corpos-mulheres. Uma das formas de se reproduzir a heterossexualidade consiste em cultivar os corpos em sexos diferentes, como aparências “naturais” e disposições heterossexuais naturais. A heterossexualidade constitui-se em uma matriz que conferirá sentido às diferenças entre os sexos”.

O estudo sobre identidade de gênero agrega valores positivos para a continuidade na formação social, garantindo o respeito à diversidade em suas especificidades e contribuindo com as futuras gerações da perpetuação das relações humanas em seus direitos e deveres.

As novas formações científicas e as buscas de novos conhecimentos por parte da área educacional somam ao novo legado social, uma relação humana mais branda e tolerante, respeitando as individualidades e opiniões. A construção das relações dialógicas sobre o estudo da sexualidade entre docentes e discentes pode, estabelecer uma nova forma de convívio social, de respeito mútuo ao *outro* em suas necessidades, pois:

“Educar para os direitos humanos é, antes de tudo, assumir a postura de dialogia que mobiliza uma teia de relações intersubjetivamente formadas a partir da qual educadores e educandos negociam a definição das situações sociais, tendo como elemento mediador seus próprios saberes”. (DIAS: 2007, apud NETO e AGNALETI 2008, p. 446).

1.2 Orientação sexual

A orientação sexual está relacionada ao desejo sexual e afetivo que o ser humano tem seja pelo mesmo sexo, sexo oposto ou ambos os sexos. A orientação sexual não é uma escolha como muitas pessoas pensam. Afinal de contas quem escolheria sofrer violências físicas e psíquicas todos os dias na atual sociedade machista que vivemos? (BRASIL, 2004, p. 28).

Quando a orientação sexual é voltada para o desejo pelo mesmo sexo a consideramos homossexualidade, quando a atração se volta para o sexo oposto à identidade de gênero a consideramos heterossexualidade e quando o desejo se volta aos dois sexos consideramos bissexualidade. (Brasil, 2004).

Então, a identidade de gênero define se a pessoa é do gênero masculino, feminino ou terceiro gênero, enquanto a orientação sexual define se a pessoa é homossexual, heterossexual ou bissexual. Assim, são duas coisas distintas, porém ligadas à área da sexualidade. Não podemos esquecer que há diferentes vertentes sobre as orientações sexuais que não serão contempladas nesta pesquisa, pois estas podem variar de acordo com novos estudos e necessidades de adequação do ser humano em sua sexualidade. Estas considerações são ideias organizadas a partir de estudos feitos sobre o referencial teórico sugerido e cursos de formação ligados à área das sexualidades.

A atração e o desejo pelo *outro*, em muitos casos, é imposto pela família, igreja e sociedade por meio da herança cultural machista e heterossexual que obriga esta adequação à sociedade, considerando a orientação sexual heterossexual, como ‘correta’. Diferente do senso comum, a orientação homossexual não é pega como doença, não se transmite por convívio social e tão pouco caracteriza a pessoa como incapaz.

“O mais importante é compreendermos que não se trata nem de uma essência – de algo que já nasce com a gente -, nem de uma opção – de uma escolha consciente e deliberada - mas apenas de um atributo, um pequeno traço que compõe um todo muito maior, que é um ser humano, com toda a imprevisibilidade de seus desejos. Não há nenhuma diferença intrínseca, mas, pelo contrario, é um elemento, com a cor dos olhos ou o formato do nariz”. (BRASIL, 2004).

Como discorrido pela citação, a orientação sexual trata-se de um elemento subjetivo e complexo que faz parte da natureza dos seres humanos e também dos animais e das

plantas, pois já foi detectado por meio de pesquisas científicas, que existem relações entre animais e plantas do mesmo sexo e ambos os sexos.

Alguns estudos realizados em nível médico e comportamental comprovam que o ser humano é naturalmente bissexual e que, ao longo de sua evolução e desenvolvimento, acabam se identificando com a heterossexualidade ou homossexualidade ou, ainda continuam na bissexualidade:

“A esse respeito, o próprio pai da psicanálise, Sigmund Freud, sustentava a ideia de que os seres humanos nascem abertos para o outro, isto é, são capazes de se interessar por ambos os sexos. Na concepção freudiana, somos todos/as bissexuais, pois nos é inerente a possibilidade de nos sentirmos atraídos/as pelos dois sexos” (BRASIL, 2004).

As consequências ao longo do desenvolvimento do ser humano sobre sua imposição e não aceitação de orientação sexual natural é a coerção de seu desejo reprimido que não desaparecerá e sim ressurgirá em outro momento da vida com mais força. Socialmente isolada a pessoa reprimida tende a condenar a si mesmo como culpada pelo seu desejo natural apenas por não fazer parte do padrão imposto socialmente, chegando até o autoflagelo físico e psicológico.

O período de formação escolar é importantíssimo para o desenvolvimento da pessoa e de seus desejos e orientações sexuais naturais, pois uma vez demonstrada a orientação quando criança cabe aos profissionais da educação adequar aos processos pedagógicos a fim de contribuírem com a boa formação de seu estudante.

Muitos professores já aprenderam que o mais adequado ao tratar uma situação de preconceito sobre a diversidade, seja ela qual for, é o respeito, porém como sabemos tudo no documento é lindo e perfeito, mas é no cotidiano que as ações perpetuam os pensamentos e as intenções, pois como afirma Roberto Lyra Filho *apud* Júnior e Souza (1980, p. 4) “não se ensina bem o que se aprende mal”.

A tolerância pode ser um caminho para tratar as situações de preconceitos à diversidade, devendo esta fazer parte das ações e das relações dialógicas estabelecidas entre os profissionais da educação e as áreas de formação social. Lembrando que não é carga do professor a obrigação maior de formação do cidadão, mas sim de todo um sistema ao qual o professor faz parte e tende a desempenhar seu papel em conjunto com as demais áreas de conhecimento e formação.

A orientação sexual não é uma escolha e nem opção, é uma condição de existência, que deve ser respeitada como todas as demais e não ser um fator de segregação social e moral para justificar falhas em outros sistemas sociais.

1.3 Homossexualidade

A pessoa homossexual é aquela que sente prazer e/ou atração sexual e afetiva pelo mesmo sexo, sendo homem com homem ou mulher com mulher (Brandão, 2002). A homossexualidade está diretamente ligada à orientação sexual e não à identidade de gênero, pois é a orientação sexual que definirá se a pessoa é heterossexual, homossexual ou bissexual.²

A palavra homossexual vem do prefixo grego *hómos*, que significa “mesmo/semelhante”, e não da palavra latina *homo*, que significa “homem”. A palavra “sexual” vem do latim *sexu* e significa “relativo ou pertencente ao sexo”, como afirma Brandão, (2002). Por tanto, homossexual significa mesmo sexo.

A pessoa homossexual diferentemente do que as majorias das pessoas pensam, não tem o desejo de mudança do órgão genital, pois este se encontra satisfeito com sua condição fisiológica e se percebe com identidade de gênero condizente com sua fisiologia (Brasil, 2015).

A homossexualidade está diretamente ligada ao comportamento de sua condição de orientação sexual, o gay não escolhe ser gay, ele se desenvolve com esse desejo, como o heterossexual de gostar do sexo oposto, mas cabe a pessoa gay viver sua orientação sexual ou não, isso sim é uma escolha, viver a homossexualidade ou não, uma vez que sua condição seja respeitada, porém, para isso precisamos de mais estudos.

Hoje em dia, com tanta violência e intolerância, muitos homossexuais ainda preferem viver na marginalidade³ ao ter que encarar a sociedade contemporânea. Reprimir seus desejos e vontades faz parte da imposição social para se enquadrar nos padrões sociais de aceitação, porém estas condições acarretam em processos psicológicos fortes e destruidores para a pessoa homossexual.

² Lembrando que existem outras formas de orientação sexual e identidades de gênero que não serão contempladas de forma eficientes nesta pesquisa por seleção do autor.

³ Marginalidade aqui se refere a viver à margem da sociedade e não na clandestinidade.

Quem nunca ouviu as manifestações: “tadinho”, “mas ele é tão bonito”, “que pena”, “leva no psicólogo” ao se deparar com o reconhecimento de um homossexual? A condição de orientação sexual homo não faz da pessoa menos capacitada do que um ser humano típico, isso não muda seu caráter, apenas limita seu desejo de afeto ao mesmo sexo, assim como o heterossexual pelo sexo oposto, é simples.

Existem poucas pesquisas sobre a comprovação da orientação sexual homo ser definida pelos genes, mas nada de concreto ainda foi confirmado pela comunidade científica médica, porém em tempos atrás a homossexualidade era conhecida como ‘homossexualismo’ e tida como doença referenciada por CID (classificação internacional de doenças), mas em 1995:

“na última revisão da CID, o homossexual, que era considerado desde 1985 como sintomas decorrentes de circunstâncias psicossociais, deixou de constar nos diagnósticos. O sufixo *ismo*, que significa ‘doença’, foi retirado e substituído pelo sufixo *dade*, que designa ‘modo de ser’” (Brandão, 2002, p.20).

Já em 1999 a resolução CFP nº 001/99 de 22 de Março "estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da Orientação Sexual", onde resolve em seus artigos 1º ao 4º, que psicólogos deverão contribuir para o desaparecimento de discriminações e estigmatizações contra comportamentos homossexuais; não exercerão patologização deste tipo de comportamento, não poderão se apresentar aos meios de comunicação se reportando aos homossexuais como portadores de desordem psíquica e em parágrafo único traz que os psicólogos não colaborarão com uma “cura” das homossexualidades. (Bock, 1999).

Dentro da psicologia médica existem ainda estudos que defendem as linhas comportamentais e genéticas para tentar explicar a homossexualidade, assim como as pesquisas do médico psiquiatra Roberto Pamplona e do Doutor Dean Hamer (1993). O homem está sempre em busca de explicações sobre a vida, principalmente, para tentar entender o que ainda é desconhecido ou simplesmente o que não é aceito.

Segundo Brandão (2002), em 1948, um pesquisador chamado Alfred Kinsey, realizou uma vasta pesquisa sobre o comportamento sexual do homem branco norte americano e comprovou tempos mais tarde em seu livro “Sexual Behavior in the Human Male” que não caberia à sua pesquisa apenas as orientações sexuais homossexuais e

heterossexuais, por isso Kinsey classificou os comportamentos e preferências sexuais da seguinte forma:

“em oito categorias diferentes, que são: heterossexual exclusivo, incidentalmente homossexual, mais do que incidentalmente homossexual, igualmente heterossexual ou homossexual, mais do que incidentalmente heterossexual, incidentalmente heterossexual, homossexual inclusivo e indiferente sexualmente”. (BRANDÃO, 2002, P. 18).

O filme ‘Kinsey vamos falar de sexo’, dirigido por Bill Condon (2004), mostra o longo processo de pesquisa de Kinsey sobre o comportamento sexual do homem, causando grande mudança na cultura norte americana e, conseqüentemente, mundial. Por meio de entrevistas, Kinsey revelou práticas e comportamentos sexuais mascarados pela sociedade, a fim de se manter os padrões ‘corretos’ da época, que não estavam distantes dos comportamentos atuais.

A seguir, trazemos um breve histórico sobre a homossexualidade e também suas participações nos espaços das lutas sociais em Direitos Humanos .

1.4 Breve histórico da homossexualidade e suas lutas sociais em Direitos Humanos.

Segundo Brandão (2002), desde as civilizações Greco-romanas, a homossexualidade se faz presente nas sociedades e causam ações sociais positivas e/ou negativas; porém, no período Greco-romano, as relações entre pessoas do mesmo sexo eram consideradas mais nobres do que o relacionamento heterossexual. Naquela época, ser ‘diferente’ era ser heterossexual, condição que chegava até mesmo a ser vista com desprezo pela sociedade e apenas com fins específicos de reprodução.

As relações homossexuais também se estabeleciam pelo culto ao belo e o maior exemplo desta admiração ao corpo, eram as olimpíadas de Atenas na Grécia.

Porém, não só da estética e reprodução encontrava-se a condição homossexual na antiga civilização Greco-romana, havia um ritual de envolvimento entre os homens para a transmissão e aquisição de sabedoria. Os homens mais jovens, ainda na puberdade,

buscavam seus preceptores⁴, uma espécie de mestre como o filósofo Platão, para darem início a arte da retórica e oratória, estes jovens eram considerados efebos⁵.

Quando o jovem era escolhido pelo preceptor, motivo de honra, os jovens deveriam se submeter a favores sexuais, pois nesta prática, acreditava-se que haveria um aumento sobre suas habilidades políticas e militares, além de ter uma característica de transmissão de sabedoria, vida, educação e conhecimento. Lembrando que a civilização grega não tolerava pederastia, mas sim a relação homossexual com jovens que apresentavam características físicas de um homem adulto.

Já a civilização Romana era machista e tinha duas posições para a relação homossexual: a tolerância para as práticas homossexuais ou que os homens que eventualmente se envolvessem com outro do mesmo sexo eram equiparados a escravos, não tendo qualquer importância social. Este posicionamento sobre os homossexuais se manteve durante as Idades Média e Moderna. (Brandão, 2002).

Atualmente a igreja católica apostólica romana, por exemplo, classifica como pecado qualquer prática sexual que não se destine a procriação, até mesmo relações heterossexuais sem fins reprodutivos. Porém, o comportamento e as declarações do atual Papa Francisco atenuam a violência travada à classe LGBTs (gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transgêneros, transexuais), principalmente, por não se rebelar e virar as costas aos gays e sim pedir tolerância e respeito pelos seres humanos seja qual for sua condição, assim, declarando que a igreja católica está aberta a todos. Sabemos que existem várias concepções religiosas e cada uma delas estabelece suas relações particulares com a homossexualidade.

Desde as civilizações romanas até os dias atuais, a homossexualidade se manteve, levando em consideração que os gays deveriam manter a discrição entre suas relações e orientação sexual, onde estas não seriam motivo de orgulho ou exaltação.

Juntamente com as artes e a psicanálise freudiana, a homossexualidade foi considerada e reconhecida como fator social, assim como afirma Brandão (2002), quando diz que: “historicamente, Freud inova: foi bastante complacente com os homossexuais, classificando-os como seres que ainda não haviam evoluído o suficiente até chegar à plenitude do sexo genital heterossexual” (p. 36), uma visão machista e heteronormativa.

⁴ Profissional de nível superior, responsável pela integração teoria-prática num campo de estágio e/ou residência. Ensina, supervisiona, orienta e conduz o estudante na prática futura.

⁵ Indivíduo que alcança a idade referente à puberdade. Aquele que possui pouca idade; menino ou mancebo.

Porém as relações no cotidiano social não foram tão boas como aparecem nas escritas. Desde muito tempo a até hoje, homossexuais são cassados como criminosos, pederastas, pedófilos, sodomitas, dignos de pena de morte apenas por sua orientação sexual diferente da imposta, heterossexual. Por muito tempo, gays e toda a legião pertencente a este grande grupo socialmente marginalizado, lutaram por seus direitos de cidadãos e mais ainda, de seres humanos.

Em várias partes do mundo e em épocas diferentes, lutas foram travadas para a aquisição de respeito à diversidade sexual. Um fato que marcou a sociedade foi em meados dos anos 60, nos Estados Unidos, quando um grupo de travestis e gays se revoltou contra a imposição de crime por suas condições sexuais de identidade de gênero e orientação sexual, conhecido como “Motim de Stonewall”, na cidade de Nova York. Durante uma semana, homossexuais protestaram contra a violência que sofriam e enfrentou a polícia por seus direitos humanos, este fato marcou a data de 28 de junho de 1969 como o Dia do Orgulho Gay. (Brandão, 2002).

Durante todo o processo de formação social e educacional, estamos imersos nas descobertas do saber científico e das experiências vividas que pautam os futuros passos desta longa caminhada.

Além de todo o desenvolvimento social baseado nas grandes lutas sociais e nos papéis de implementação de um sistema a se garantir a pluralidade, temos os avanços de ordem econômica, social e política ao qual defendemos como necessários para as conquistas sociais e que também como dito por Sanchez (2015) tratam-se de direitos instituintes em processos de luta social, assim reduzindo apenas à instância jurídica.

O processo das conquistas sociais, econômicas e políticas levam por consequências às instâncias jurídicas e estaduais, pelo menos é o que se espera como legalização das conquistas travadas pelas lutas sociais e que fazem parte da história, como defendida por Herrera Flores (2008, p.20) quando:

“A ideia de ‘reinvenção dos direitos humanos’ está assentada na concepção de processos com resultados provisórios configurados através de lutas históricas para alcançar os bens necessários à vida. Tem como ponto de partida os direitos humanos como uma convenção cultural, que introduz “uma tensão entre direitos reconhecidos e as práticas sociais” em busca de reconhecimento capaz de alcançar algo de ordem externa ou interna a tais normas. Inicialmente, as lutas por bens necessários para a vida com dignidade, em seguida, as lutas por outros direitos que podem

estar alicerçados em instâncias fora da legalidade ou em sistemas de garantia formalizados”. (Herrera Flores, 2008, p.20)

Porém, na atual conjuntura que vivemos é plausível a proposta de Santos (2006), de uma interculturalidade sobre os direitos humanos, permitindo a existência de uma relação dialética entre as culturas, assim construindo em conjunto os novos saberes, trazendo como resultado “uma concepção híbrida de dignidade humana capaz de traduzir os sentidos múltiplos das culturas incompletas, pautados no princípio da igualdade aplicado a partir do princípio do reconhecimento de diferenças” (p.13).

O diálogo talvez seja a grande ferramenta social para um desenvolvimento mais digno e menos violento, pois estamos imersos na globalização de informações rápidas e instantâneas, as tecnologias avançadas e aos novos modelos contemporâneos de educação, mas não podemos esquecer-nos dos valores à dignidade humana e o respeito à diversidade, pois como dito por Magendzo (2006, p. 24-25):

“a Educação em Direitos Humanos deve ser uma educação em valores, tais como a tolerância, a não discriminação e o respeito à diversidade, pois os direitos humanos estão referidos a uma plataforma moral que inclui além desses, a dignidade humana, a liberdade, a justiça, a solidariedade, a aceitação do outro como um legítimo outro e o pluralismo”. (Magendzo, 2006, p. 24-25)

A citação acima reflete um modelo de concepção sobre a educação em Direitos Humanos que deve ser desenvolvida e que aliada às relações dialéticas de sociedades culturais distintas como levantadas por Santos (2006), retratam a educação moderna contemporânea, sem esquecer é claro das grandes lutas sociais que fizeram e fazem parte do desenvolvimento social em sua ordem econômica, social e política.

As práticas em e para os Direitos Humanos ainda precisam muito de força política e social para a efetivação no cotidiano escolar e também para os temas transversais.

Desta maneira, os docentes precisam se despir dos preconceitos, muitas vezes enraizados por questões de herança cultural, para reabrirem uma nova discussão contextualizando as necessidades da diversidade e, assim, construindo novos conceitos sociais de valores que permeiem a convivência pacífica e o respeito aos Direitos Humanos em seus sujeitos de dignidade humana:

“As pesquisas atestam: discriminação e violência por preconceito de gênero e orientação sexual representam um problema social gravíssimo e

seus efeitos são devastadores. Portanto não se trata apenas de uma sensibilização para os ‘dramas humanos pessoais’, como muitas vezes escutamos nas opiniões emitidas sobre esse tipo de discriminação no ambiente escolar, como se ela fosse uma inevitabilidade, algo como diz respeito ‘a quem’ tenha orientação sexual diferente. É preciso encará-lo como violência social resultante da ação concreta de indivíduos preconceituosos (que deve ser combatida), de regras discriminatórias (que precisam ser eliminadas) e de uma organização social homofóbica (que deve mudar)”. (BRASIL, 2004, p.76).

Falando sobre a historicidade dos Direitos Humanos e as relações com os movimentos de luta social pelo respeito às necessidades humanas e em relação ao discurso LGBTs, podemos trazer para a reflexão as lutas travadas por um emblemático homem chamado Harvey Milk, militante das causas homoafetivas por volta dos anos 1970, que levou para a cidade da Califórnia, nos Estados Unidos, um novo discurso a ser defendido em relação à sua condição homossexual e aos demais que ali viviam, para que pudessem ser respeitados conforme sua condição humana e não terem sua dignidade abalada. (Condon, 2004).

Atos políticos, civis e educacionais foram travados na cidade da Califórnia para que as condições de orientação sexual e identidade de gênero fossem atendidas pela comunidade local que por se tratar de uma luta social e conflitos de classes, se tornou referência sobre as adaptações e relações sociais naquela época.

Como dito por Sousa Junior (2015), a história dos Direitos Humanos não são apenas as institucionalizações jurídicas com suas declarações, tratados ou convenções e, sim, a história de lutas sociais e conflitos de classes para manterem seus ideais, conforme nos adverte Lesbaupin (1984, p. 16-17):

“Na verdade a história das declarações de direitos humanos não é a história de ideias filosóficas ou de valores morais universais. É, sim, a história de lutas sociais, de forças históricas em confronto. Os direitos humanos são produtos histórico-sociais de conflitos entre as classes sociais, em suas lutas por tornar dominantes suas concepções, seus interesses. Há sempre aí um jogo dialético entre particularismo e universalismo. Por trás de cada cristalização dos direitos humanos em declarações, cartas ou constituições, é possível perceber as reivindicações de uma classe particular. Mas tais reivindicações são formuladas com um caráter universal”.

Porém, nem sempre as lutas sociais foram pacíficas, temos históricos de verdadeiras guerras pela violência travada nas lutas e reivindicações sociais aqui no Brasil,

é fato que a permanência da militância em garantir os direitos se faz muitas vezes de forma enérgica onde lhe são retribuídos a tiros e balas de borrachas.

Um grande exemplo benéfico para a humanidade foi a Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, que ao término de uma grande guerra mundial que deixou muitos mortos e feridos, física e psicologicamente, trouxe a reflexão do mal que estávamos nos causando com tanta violência. Ainda não acabou, mas universalmente foi dado um ponta pé nesta situação, e não será um documento que extinguirá a desobediência aos Direitos Humanos e, sim, a formação educacional e moral dos nossos estudantes para futuras gerações, onde suas lutas sociais poderão ter voz sem violência, onde poderão desconstruir conceitos para construir novos conceitos adequados às suas necessidades.

Muitas foram as formas de manifestação social que contribuíram com a atual conjuntura da tolerância à diversidade LGBTs no Brasil. Atualmente, o programa “Brasil sem homofobia” (Brasil, 2004) tenta se estabelecer como movimento participativo na nova construção social e educacional, fazendo diferença no trato pedagógico e contribuindo com a adequação para nova realidade.

2 - A formação pedagógica e social: respeito à diversidade do estudante em sua orientação sexual de formas dialógicas

Quando uma nova vida está para chegar, tudo a sua volta começa a se transformar, pois em seu período de fecundação o futuro ‘ser’ já realiza acontecimentos e modificações para a sua chegada aos que já se encontram em sociedade a sua espera.

Ao estabelecer seus primeiros contatos, uma sequência de fatos marcará para sempre seu processo de construção como ser humano e que também estará em constante adaptação e mudança.

Junto aos que a esperam, iniciam uma longa caminhada com erros e acertos que serão medidos ao longo do processo de existência e afirmação social. Antes de nascer a criança encontrará uma sociedade com seguimentos em desenvolvimento como: educação, cultura, política, tempo, clima, religião, artes e outros, esta será inserida a algo já existe, sem mencionar quando se é predestinado sua profissão, identidade e preferências durante sua gestação.

Em relação à construção da identidade de gênero da criança bem antes dela nascer, podemos levantar uma problemática sobre quando se espera por um menino ou uma menina. Antes de nascer já é definida a identidade de uma criança apenas pelo seu fisiológico, não levando em consideração quem ele (a) é.

“se for menino, suas roupas serão preferencialmente azuis, e ele receberá comentários do tipo: ‘Como é forte!’ ou ‘Já nasceu com cara de macho!’ Sendo menina, rosa será a cor da maioria de suas vestes e, desde pequena, ela ouvirá frases como: ‘Que linda! É uma princesinha!’ ou então ‘Olha como é meiga, tão quietinha!’” (Brasil, 2004, p. 19).

Assim, podemos transportar este pensamento a várias outras instâncias do processo de formação do ser humano, onde o mesmo se encontrará socialmente e também fará parte de sua construção.

Neste caso sugerimos para debate um filme francês chamado ‘Minha vida cor de rosa’ (Berliner, Alain. 1997), onde o protagonista, um menino de sete anos, pensa que ao crescer se tornará uma menina.

Ao chegar à escola a afirmação de convicções e herança cultural acarretaram em sua construção social. Quando estamos diante da figura do professor a vivência tende a ser

construída por meio do currículo formal e informal, juntos ao desenvolvimento das faculdades intelectuais e a construção do senso crítico comum e individual.

Uma grande parte do crescimento moral, intelectual e mental se passa na escola, então cabem aos que nela estão, atuarem o melhor possível, buscando informação, ajuda e contribuição na sua comunidade, pois é neste lugar que serão construídos sonhos e traumas e estes serão levados para uma vida inteira, sem esquecer que a família tem papel fundamental e intransferível na formação do ser humano.

Pensando na reflexão anteriormente citada de Lyra Filho (1980) “não se ensina bem o que se apreende mal” (p.4), vamos ao ponto onde já somos inseridos em uma sociedade já existente com toda a sua herança cultural e histórica. Então como transformar para melhor algo que foi imposto de forma malfeita ou mal ensinada? Desta forma, devemos nos ater para o fato da desconstrução do discurso e tentar entender sua real necessidade em e para os Direitos Humanos em seu processo constituinte.

Existem vários exemplos sobre a existência da indignidade humana e sua bestialidade, onde o respeito ao ‘outro’ é tolhido pelo ato soberbo do Ser Humano de se achar mais importante ou melhor do que seu igual seja por uma condição social, financeira ou cultural.

Souza Jr. (2000) considera que enfrentaremos e sempre travaremos uma luta em relação à formação educacional da sociedade, onde são colocados os valores humanos em xeque e de que forma eles são encarados, garantindo assim uma eficácia nos processos de luta pela dignidade, pois essa construção é coletiva e precisa ser tratada desde cedo pelo homem, afinal. Para o autor, “os direitos humanos são lutas sociais concretas da experiência de humanização. São, em síntese, o ensaio de positividade da liberdade conscientizada e conquistada no processo de criação das sociedades, na trajetória emancipatória do homem” (p. 183).

Na busca por novos saberes, os profissionais da educação devem estabelecer relações dialógicas entre os autores pesquisados e as experiências pessoais para, juntos, oxigenarem e construir novos conceitos sociais e educacionais. Por isso, a formação do docente deve estar pautada na pesquisa e no respeito a tolerância à diversidade em suas especificidades, descentralizando preconceitos e discriminações, assim, contribuir com a formação intelectual e social do estudante de forma positiva.

Pedagogicamente não muda em nada o trato com o estudante de orientação sexual homossexual, pois seu desenvolvimento é igual a qualquer outro estudante típico, o que

muda é a relação social que se estabelece no convívio com os outros estudantes e profissionais da educação, pois estes podem acabar contribuindo com o *bullying* e causando transtornos profundos, isso pode acontecer com qualquer condição tida como ‘atípico’ para os padrões impostos socialmente.

O docente é corresponsável pelo desenvolvimento intelectual do estudante, mas sempre acaba recaindo sobre ele a responsabilidade na formação moral e social, estes por serem deixado de lado pela família é atribuído à escola, desta forma realizando uma transferência de responsabilidades, o que já vem acontecendo há muito tempo.

O desenvolvimento humano é um processo constante e muitos professores discutem, em suas pesquisas, como se dá o acontecimento desta transformação social e como o mesmo implica na construção do ser cidadão. Várias teorias explicam o desenvolvimento humano, sob diferentes enfoques. De acordo com Santos e Mieto (2015), segundo a teoria walloniana, a construção do ser depende de uma relação com o *outro*, suas interações sociais, humanas e afetivas, construídas pelo processo de oposição, onde o *outro* se torna um instrumento de reconhecimento de si mesmo. Neste caso reafirmando a necessidade da relação com o *outro* para a formação do eu.

Sobre a contribuição de Erick Erikson (1972), podemos perceber o seguinte: “na infância é pela presença e oposição ao outro que desenvolvemos nossa autonomia; na adolescência, é pela oposição ao outro que formamos nossa identidade e nos definimos como pessoa. Essas definições são consideradas tarefas centrais para que nos tornemos adultos” (Santos & Mieto, 2015).

Já para Vigotski, o desenvolvimento humano se dá não por oposição, mas pela aquisição de símbolos e signos culturalmente construídos por mediação do *outro*. A ZDP (Zona de Desenvolvimento Proximal) é o hiato que existe entre o que a pessoa consegue fazer sozinha e o que é realizado com a interação de um mediador de aprendizagem. É durante o ZDP que acontece a aquisição de símbolos e signos culturais na construção do eu (Santos e Mieto, 2015).

Deve-se prestar atenção, também, ao desenvolvimento do eu pela interação com diferentes contextos de desenvolvimento, no caso a escola, pois este significa e ressignifica conceitos e/ou preconceitos, pois é com o *outro* que se aprende o significado dos signos e símbolos sociais, seja por oposição ou aquisição.

Relacionando a formação do ‘eu’ à construção do currículo pedagógico, muito se tem discutido sobre essa prática de ensino em nosso país. Porém, professores e

participantes do desenvolvimento educacional sabem que o currículo é apenas uma referência teórica mediadora entre o pensamento e a ação em educação e o que conta mesmo é a prática em sala de aula, assim chamado de currículo real.

Estudiosos, ao construírem um currículo, estão sujeitos a muitos erros e acertos, pois ao elencarem certos conteúdos podem acabar privilegiando determinados assuntos e deixando de lado outros que podem ser de extrema importância para uma comunidade escolar específica.

Para quem esse currículo está direcionado? Qual o tipo de pessoa quer se formar? São perguntas importantes para se pensar na hora de contextualizar o conteúdo do currículo de ensino. Porém a educação não está na mão dos educadores e sim de pessoas nomeadas ou eleitas para desenvolver tal atribuição, onde nem sempre os professores participam desta discussão tão importante.

Por outro lado, é na sala de aula que tudo acontece, onde se efetivam pensamentos e teorias, muitas vezes, massificadas. Cabe ao professor e aos profissionais da educação compreenderem o currículo como um processo dinâmico e contextualizado. O docente seleciona os conteúdos mais pertinentes para sua fundamentação prática e realiza um diálogo com o conteúdo, suas necessidades específicas e sua prática pedagógica, como afirma Sacristán (2000, p. 06): “É dentro da instituição educativa que se entrelaçam, por meio do currículo, as práticas políticas, administrativas, econômicas, organizativas e institucionais aos pressupostos e práticas estritamente didáticas”.

3 - Desconstruindo conceitos heteronormativos em busca dos Direitos Humanos

Na busca de relações humanas mais brandas e de convivências toleráveis, a sociedade atual tende a encontrar novas soluções e possibilidades para harmonizar os ânimos e estabelecer diálogos por meio de uma cultura da paz.

Porém, como falar de paz em meio às guerras diárias? A cultura de paz é definida pela Declaração e Programa de Ação sobre a Cultura de Paz como:

“um conjunto de valores, atitudes, tradições, comportamentos e estilos de vida que traduzem o respeito à vida, ao ser humano e à sua dignidade, com destaque aos Direitos Humanos e o repúdio à violência em todas as suas formas, bem como a adesão aos princípios da liberdade, justiça, solidariedade, tolerância e compreensão entre os povos e as pessoas” (ONU, 1999, p.01).

Portanto a escola não é o único lugar para se aprender a Cultura de Paz, mas sim todo aquele lugar onde se podem exercer atos cidadãos, como por exemplo: restaurantes, praças, cinemas, trânsito, hospitais e inúmeros lugares de sócio convivência, incluindo a própria família, que tem papel fundamental no processo de construção de uma Cultura de Paz.

Educar para a paz implica em um processo dialógico na construção de valores sociais e na busca para resolver ou sanar conflitos cotidianos, aprendendo a respeitar o *outro* em sua individualidade e diversidade. Este processo não cabe apenas às escolas ou famílias, mas a qualquer espaço de convívio social sejam eles formais ou informais.

A Cultura de Paz visa à promoção dos valores humanos, do respeito à dignidade humana, da relação inter e intrapessoal sem preconceito e violência, assim gerando convívio pacífico e harmônico entre os seres.

Como dito na Declaração e Programa de Ação sobre a Cultura de Paz (1999), a mesma não implica apenas o contraponto a guerra ou a violência, mas sim aos valores e atitudes que correspondam ao respeito à vida em conjunto com os Direitos Humanos.

O diálogo foi e sempre será um caminho para o desenvolvimento social pacífico, pois a construção de uma Cultura de Paz não se dá sozinha, mas em conjunto dinâmico e participativo de forma dialógica obtendo assim, resultados criativos que sugiram a resolução de conflitos e interação sobre as relações humanas.

Nas escolas mais conflituosas há equipes de coordenação que começam a encontrar possibilidades de mediações sobre os conflitos, considerando os próprios alunos como interventores da ação para uma Cultura da Paz, assim como afirma Columa (2007, p. 06): “a paz também significa seres humanos trabalhando em conjunto para resolver os diferentes conflitos da vida cotidiana, a paz respeita padrões de justiça, satisfaz necessidades básicas do homem e honra todos os Direitos Humanos”.

METODOLOGIA

Contexto

A ação interventiva foi realizada em uma escola da rede pública da região administrativa de Taguatinga, no Distrito Federal. A escola desenvolve atividades pedagógicas para alunos nos anos escolares iniciais do Ensino Fundamental. Conta com 31 professores, sendo 24 efetivos, 07 professores de contrato temporário e 07 de professores readaptados, além de 01 orientadora. Dos professores readaptados, 03 fazem parte do grupo de apoio à direção, com atividades administrativas, e 04, com atividades pedagógicas. A equipe de atendimento psicopedagógico é itinerante. No espaço físico, além das 09 salas de aula com 16 turmas nos dois períodos matutino e vespertino, a escola dispõe de 01 laboratório de informática e 01 videoteca com 400 títulos, montada pela própria escola. Todas as salas de aula são equipadas com TVs, aparelhos de som e DVD.

Participantes

Participaram da intervenção, profissionais efetivos e temporários da área da educação, como: professores, coordenadores, professor readaptado e orientador. Uma média de 23 integrantes contando os dois turnos, matutino e vespertino, pois cada grupo participou durante o período de coordenação coletiva que é no horário contrário ao horário da regência.

Procedimentos

Para dar início à ação interventiva, foi disponibilizado um questionário para os profissionais da área da educação de escola de Ensino Fundamental séries iniciais, com as seguintes perguntas.

- ✓ O que você entende por Orientação Sexual?
- ✓ E Identidade de Gênero?
- ✓ Que metodologias ou caminhos você oferece a um estudante não pertencente aos padrões heteronormativos?

Onde os mesmos puderam expor seu conhecimento sobre orientação sexual, identidade de gênero e metodologias utilizadas com estudantes não pertencentes aos padrões heteronormativos.

Os profissionais responderam e sua identificação pessoal foi preservada, apenas completando com a função exercida na escola. Uma vez percebidas as necessidades dos professores em receber uma ação interventiva para organizar seus conceitos e pré-conceitos, foi realizada a ação em período de coordenação coletiva.

Após um mês da resposta ao questionário, foi desenvolvida com estes mesmos profissionais uma ação interventiva pedagógica, nos dois turnos de trabalho, durante a coordenação pedagógica coletiva do grupo no horário contrário ao da regência de classe. As atividades ocorreram no laboratório de informática, pois foi utilizado data show para exposição de imagens e reflexão das mesmas.

A equipe de coordenação e orientação confeccionou um cartão convite aos profissionais participantes, contendo o nome do professor pesquisador, tema e horário, para que assim todos se organizassem e pudessem estar presentes. Por meio de uma apresentação em *power point* (Anexo 1)⁶ os profissionais foram acompanhando o desenvolvimento da ação interventiva e se mostraram abertos a realizar intervenções durante o percurso.

Após a apresentação do projeto de ação interventiva, foi realizada uma atividade lúdico-pedagógica (Anexo 2) com a colaboração de todos os presentes e participação efetiva do grupo, todos tiveram seu momento de reflexão sobre a atividades, sendo orientados fazer uma análise de como aquele exercício poderia contribuir com o tema identidade de gênero, pois a atividade mostrava como o colega lhe vê e a identidade de gênero é como a própria pessoa se vê. Será que é exatamente como o colega me percebe? Nem sempre, então iniciamos nossa reflexão sobre esta temática.

Ações interventivas

Foram realizadas duas atividades principais para debater a temática apresentada, com o objetivo de esclarecer conceitos e significá-los, caso necessário.

⁶ A última foto da sequência no slide não faz parte da exposição, trata se de uma fotografia de um ativista gay espancado por ser homossexual.

- Atividade lúdico-pedagógica (exercício adaptado da disciplina de Psicologia da Educação cursada durante a graduação).

Uma atividade envolvendo todo o grupo onde os integrantes poderiam analisar seu colega por meio de papéis coloridos. Cada papel colorido recebeu uma qualidade dada pelos próprios participantes, assim, de forma aleatória todos colocariam no papel a qualidade que acreditam ter o dono daquela folha nomeada.

Ao final da atividade, cada dono recebeu sua folha preenchida com as qualidades que o grupo percebe em seu comportamento, assim, depois de uma análise individual, o integrante poderá expor como ele se sentiu fazendo o exercício e qual a avaliação dele ao receber sua folha preenchida.

É interessante que o condutor da atividade chame a atenção para a diversidade de cada integrante e como cada um tem seu papel de importância dentro da convivência social, assim, respeitando o outro em suas qualidades e contribuições ao meio ambiente ao qual estão inseridos, lembrando que o meio ambiente começa dentro de cada um de nós e que independente da orientação sexual e identidade de gênero, somos todos semelhantes.

- Análise de imagens fotográficas

Neste exercício foi desenvolvido o estudo sobre como os profissionais da educação lidam com a orientação sexual e identidade de gênero de nossos educandos, desenvolvendo uma análise crítica reflexiva sobre as imagens propostas pela exposição “Eu te desafio a me amar” da fotógrafa Diana Blok (Anexo 3), respeitando às Diversidades em seus Direitos Humanos e valorizando as qualidades do “ser humano” por sermos todos semelhantes.

O trabalho da fotógrafa expõe a temática LGBTs (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Travestis e Transexuais) e por meio das imagens registradas por Diana, nos fazem refletir sobre a orientação sexual e a identidade de gênero. Uma realidade vivida por várias pessoas do Rio de Janeiro e Brasília que sofrem por terem uma condição de comportamento associados a orientação sexual e identidade de gênero não pertencentes aos padrões hegemônicos e heteronormativos.

Assim, buscamos discutir formas de inclusão e interação social e encontrar juntos mecanismos para uma cultura de paz e não a construção de violência e intolerância veladas pelo silenciamento e principalmente questões voltadas para os Direitos Humanos, o respeito na diversidade com estudantes LGBTs.

- Sugestão de filmes e roda de conversa

Como forma de complementação e multiplicação deste conhecimento foi sugerido alguns filmes (Anexo 4) com temática que envolvesse as questões de identidade de gênero e orientação sexual, para que os participantes pudessem trabalhar com seus estudantes, em sala de aula, e também filmes que os mesmos pudessem assistir, para buscar na referência cinematográfica apoio para a construção de seu trabalho pedagógico, nenhum dos filmes foi assistido em grupo. Logo em seguida tivemos uma roda de conversa sobre a exposição da temática.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DO PROCESSO DE INTERVENÇÃO

Analisando o questionário utilizado como diagnóstico inicial, em suas respostas, os educadores puderam expor seu conhecimento sobre orientação sexual, identidade de gênero e metodologias utilizadas com estudantes não pertencentes aos padrões heteronormativos, pois segundo as Diretrizes de Bases da Educação Nacional (1996), em conjunto com os PCNs - Parâmetro Curricular Nacional (1997) oferecem aos docentes uma proposta de ensino sobre os temas transversais que são: a educação no campo, gênero e diversidade, cultura de paz, direitos humanos, ensino especial, étnico-racial e educação ambiental. Respostas de senso comum e sobre uma política de boa vizinhança como declarar respeito ao outro na sua “opção” sexual, ocorreram com frequência dentro da discussão de orientação sexual. Os profissionais demonstraram reconhecer que a identidade de gênero está ligada ao modo como a pessoa se vê, como se reconhece, segundo uma das respostas de professoras ao questionário temos que: “identidade sexual é como a pessoa de vê e a orientação sexual é a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, gravidez indesejada e AIDS”.

Também estiveram presentes algumas respostas de cunho heteronormativo, discriminatório e religioso como escrito por uma das professoras no questionário: “mas Deus fez o homem e a mulher, está na bíblia”.

“...uma das formas de se reproduzir a heterossexualidade consiste em cultivar os corpos em sexos diferentes, como aparências “naturais” e disposições heterossexuais naturais. A heterossexualidade constitui-se em uma matriz que conferirá sentido às diferenças entre os sexos”. (BENTO, 2006, p. 85-6 *apud* AGNALETI, p. 05).

Lembrando que em nenhuma das perguntas foram evocadas questões religiosas, pois vivemos em um país declaradamente laico, sabemos que nossa sociedade tem, como formação, orientações machistas e heteronormativas que causam estranhamento ao que não é padrão imposto socialmente.

Refletindo sobre a ação interventiva, logo de início os participantes saberiam que ali não trabalharíamos com opiniões pessoais, porém, elas apareceram. Ficou claro para os profissionais que o trabalho com a temática sexualidade faz parte dos temas transversais

dentro das Diretrizes e Bases da Educação e como profissionais desta área, devem desenvolver também este trabalho.

Mesmo que exista uma regulamentação sobre o desenvolvimento pedagógico dos temas transversais como vistos na LDB (1996) e nos PCNs (1997), poucos professores se resguardam em não trabalhar esta temática, assim acabam silenciando e contribuindo com uma violência homofóbica velada.

Na análise de imagens da fotografia Diana Blok, os professores se colocaram sob a visão de como resolver esse “problema” quando ele surgisse, chegando a expor situações que aconteceram, sem citar nomes e juntos analisarmos como proceder da melhor forma, respeitando o estudante homossexual na sua condição humana e oferecer a ele a contribuição pedagógica que todos têm direito.

Uma professora, durante nossa conversa em grupo expôs que tem dificuldades, pois como ela responderia aos pais sobre o que estava trabalhando com o estudante e também que poderia responder denúncia na regional de ensino, então o restante do grupo refletiu e percebeu que o desenvolvimento pedagógico sobre as sexualidades é trabalho dos professores, da escola, que existe orientação por documentos para essa prática e que não podemos ter medo de exercer nossa função de mediadores educacionais, porém ainda sentem falta de mais esclarecimentos e segurança para realizar atividades voltadas às sexualidades.

Junto aos professores, a equipe de coordenação e orientação educacional da escola também fizeram muitos comentários sobre as metodologias que podemos utilizar para ter um bom êxito no trabalho com o estudante. Estávamos todos em coletividade, de forma dialógica, tentando entender e encontrar caminhos pedagógicos para desenvolver na sala de aula como proposto por esta pesquisa.

A todo o momento os participantes agradeciam a oportunidade de ter um profissional ou uma pessoa com mais estudo sobre esta temática para trabalhar com eles e esclarecer dúvidas e conceitos contribuindo, assim, na oxigenação pedagógica. Segundo Lopes (2004), operamos historicamente em um campo disciplinador, via de regra comprometido com a integração social e pouco afeito às transgressões, onde a subversão, nem sempre é bem-vinda, mas, às vezes, “acontece e pode representar oxigenação” (p.25).

Foi valorizada, ainda, a permanência de um curso ou estudo de formação continuada para os profissionais da educação e, também, para os demais servidores da escola que também têm em contato com os estudantes, não só os professores, mas de toda a

comunidade escolar. Nem sempre o profissional tem tempo hábil para se deslocar fisicamente para realizar cursos, e ações interventivas como essas são muito bem-vindas à escola, principalmente em seu período de coordenação pedagógica.

Refletimos sobre as palavras preconceito, discriminação e respeito, principalmente ao *outro* por sua condição de orientação e identidade de gênero. Lembrando que as opiniões pessoais continuaram, como duas professoras em não concordar por convicções pessoais e religiosas, como já foi descrito nesta pesquisa, porém esta intervenção pedagógica não era para mudar nenhum pensamento, mas pelo menos para oxigenar (Lopes, 2004) a reflexão sobre esta temática que não temos como fugir, desta forma, aprendendo a respeitar e não discriminar.

Também foi dito pelos professores que as crianças conseguem lidar com algumas questões muito mais fácil do que os adultos, principalmente, porque nós precisamos desconstruir conceitos para construir novos e as crianças ainda estão construindo seus pensamentos o que se torna aparentemente mais simples. Aos professores mais antigos de profissão foi percebida uma resistência em aceitar o novo, porém estavam ali, participando e tentando entender como melhorar, assim já demonstrando uma reflexão sobre o desconhecido.

“educar... é, antes de tudo, assumir a postura de dialogia que mobiliza uma teia de relações intersubjetivamente formadas a partir da qual educadores e educandos negociam a definição das situações sociais, tendo como elemento mediador seus próprios saberes”. (DIAS, 2007, p. 453 *apud* AGNALETI, 2008 p. 446).

Caminhando para a finalização da ação interventiva foram feitas algumas sugestões de filmes para os profissionais assistirem com os estudantes e também sozinhos, pois devido à censura do filme nem todos são indicados ao Ensino Fundamental séries iniciais, mas os profissionais podem assistir em casa para ajudar na reflexão sobre este tema.

Para ajudar na compreensão desta análise e discussão da ação interventiva, organizamos as informações no seguinte.

Quadro 1. Resumindo

Tópicos da Revisão de Literatura ou Referencial Teórico	Objetivos	Resultados e Discussão	Projeto de Intervenção
<ul style="list-style-type: none"> Especificidade da orientação sexual e da identidade de gênero. Formação pedagógica e social: respeito à diversidade do estudante em sua orientação sexual de formas dialógicas. Desconstrução de conceitos heteronormativos em busca dos Direitos Humanos. <p>As construções sociais voltadas à identidade de gênero promovem a descentralização da relação heterossexual, como condição social ‘normal’ padrão a ser adotada Ribeiro (2012). , visão que define gênero como algo criado pelas sociedades para significar diferenças dos corpos sexualizados assentadas em uma dicotomia entre sexos (natureza) e gênero (cultura). Segundo essa visão, cada cultura imprimiria marcas nesse corpo inerte e diferenciado sexualmente</p>	<p>Objetivo geral</p> <p>Identificar e discutir as possibilidades de formação pedagógica e social, respeitando a diversidade do educando homossexual participante do Ensino Básico de escolas públicas na região administrativa de Taguatinga no Distrito Federal.</p>	<p>Durante a ação interventiva, os participantes demonstraram bastante interesse na discussão sobre como podemos dialogicamente contribuir para a formação pedagógica e social do estudante, respeitando sua diversidade em sexualidades. Em síntese, disseram a este respeito que os profissionais de educação precisam de mais ações interventivas como esta, para ajudar no cotidiano escolar e debater sobre possíveis caminhos e possibilidades de ações pedagógicas.</p>	<ul style="list-style-type: none"> Realizar ações interventivas com mais frequências nas escolas. Cursos de formação continuada. Fóruns de discussão.
	<p>Objetivos específicos</p> <ul style="list-style-type: none"> Compreender os conceitos de orientação sexual e identidade 	<p>Os participantes estavam bem atentos aos conceitos e questionavam quando não compreendiam, talvez na busca de uma ressignificação de conceitos.</p> <p>De um total de 23</p>	<ul style="list-style-type: none"> Adaptar planos de aulas das ações interventivas com intuito de agregar conhecimento para o grupo de professores, auxiliares de limpeza e apoio

<p>pela natureza. Ao contrário, segundo Butler, podemos analisar gênero como uma sofisticada tecnologia social heteronormativa, operacionalizada pelas instituições médicas, lingüísticas, domésticas, escolares e que produzem constantemente corpos-homens e corpos-mulheres. Uma das formas de se reproduzir a heterossexualidade consiste em cultivar os corpos em sexos diferentes, como aparências ‘naturais’ e disposições heterossexuais naturais. A heterossexualidade constitui-se em uma matriz que confere sentido às diferenças entre os sexos”, assim, caracterizando uma condição de identidade de gênero e orientação sexual.</p>	<p>de gênero e suas especificidades.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver uma intervenção com foco na formação pedagógica e social respeitando a diversidade do estudante em sua orientação sexual. • Contribuir com as futuras gerações sociais em seus direitos humanos, desconstruindo conceitos previamente estabelecidos por uma sociedade heteronormativa, na busca da ressignificação de valores e conceitos pertinentes às formações sociais contemporâneas. 	<p>participantes, 3 apresentaram certa resistência na aceitação do conceito homossexualidade, alegando questões religiosas, como disse uma das professoras: “<i>mas Deus fez o homem e a mulher, está na bíblia</i>”.</p> <p>A ação interventiva não buscou aceitação e sim, respeito, tolerância e não discriminação aos homossexuais.</p> <p>Também obtivemos a valorização deste tipo de intervenção pedagógica. Como dito por uma professora “<i>obrigado por estar aqui e nos ajudar a identificar e entender a diversidade em sexualidade de nossos educandos, que tenham mais momentos como este e que os servidores e auxiliares possam participar</i>”.</p>	<p>administrativo, pois todos estão sujeitos a mediações com os estudantes.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Palestras e debates sobre a temática. • Análise de casos.
---	--	--	--

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediadores educacionais exercem fundamental importância no trabalho com o educando em seu desenvolvimento de formação humana, social e educacional. O professor deve contextualizar os conteúdos à realidade do estudante, ter cuidado para não ser um perpetuador de conceitos discriminatórios e, também, ajudar na evolução social e intelectual do seu grupo discente.

Ao se trabalhar sobre a identidade de gênero e orientação sexual dentro do tema sexualidade proposto pelos temas transversais da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996), muitos professores ainda rejeitam tal possibilidade de discussão. Ora, não estamos aqui para dar opiniões e sim para respeitar o resultado de lutas sociais que foram travadas por longo período e estão ganhando espaço no cenário social e pedagógico.

Quando perguntado para professores de escolas públicas de maneira informal, seja por meio de entrevistas, questionários ou conversas esporádicas, sobre a metodologia utilizada com estudantes não pertencentes aos padrões heterossexuais, os mesmos apresentam quase que unanimidade no discurso, dizendo que realizam atividades voltadas para a construção do respeito ao *outro*. Porém sabemos que existe por parte da maioria destes profissionais um silenciamento, que perpetua desde os livros didáticos como já foi citado nesta pesquisa, assim, implicitamente caracterizam uma forma de preconceito e discriminação.

Realmente não é fácil aceitar o *outro* em sua diversidade, então uma possibilidade de caminho encontrado é estabelecer a relação dialógica com o estudante homossexual e apenas respeitar sua individualidade, sem segregar suas oportunidades de crescimento por isso, assim como qualquer outra condição.

Mesmo que o professor ou qualquer outro profissional da área da educação não aceite essa condição homossexual, não cabe a ele por opinião própria decidir sobre as oportunidades de um estudante gay, pois até onde sabemos todos são iguais perante a lei e a educação deve ser oferecida a todos, indistintamente, respeitando sua condição e adaptação pedagógica se necessário. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 da LDB.

O que acontece frequentemente é misturar opinião pessoal e religiosa com ordens e regras sociais, como vimos na opinião de uma das professoras entrevistadas. Como o professor é o grande mediador dentro de sala de aula, pode acontecer por decisão particular

de este profissional agir de tal forma a contribuir com a descentralização da homofobia, o que poderia ser considerado um crime.

Não apenas relacionado a questões de sexualidade existem as segregações dentro de uma escola, elas acontecem por vários motivos, sejam elas pela aparência, peso, raça e até mesmo por opiniões diversas e maneiras diferentes dos “padrões” de viver a vida.

Enquanto professores, este grupo tem uma parcela de responsabilidade no processo de continuidade das fobias, pois ali estão presentes, e muitas vezes não fazem nada, isso significa compactuar e silenciar-se com o que está sendo visto e vivido. Claro, que o professor não é um salvador e nem vai salvar o mundo, porém pode e deve contribuir de forma positiva para a não perpetuação do preconceito estabelecido historicamente e heteronormativamente.

Porém para tal despojamento de preconceitos, é necessário que a formação dos docentes e dos novos professores seja pensada sobre o viés do respeito à diversidade e dos Direitos Humanos, seja em cursos de formação continuada, programas de pós-graduações e até mesmo nas graduações, pois como exposto pelos professores os mesmos sentem-se ainda despreparados ou pouco a vontade para desenvolver este trabalho temático. Podendo ser ou não conforme sugerido nesta pesquisa (ver Metodologia, Ações Interventivas e Anexos).

A ação interventiva foi extremamente proveitosa e esclarecedora para todos, porque dialogando juntos podemos encontrar caminhos e descobertas pedagógicas sobre o estudo da orientação sexual e a identidade de gênero. Por exemplo, quando uma das professoras agradeceu pela ajuda na identificação e no entendimento da diversidade na sexualidade dos educandos.

Pensando em uma pesquisa monográfica e a, ação interventiva com profissionais da educação, também sugerimos em momento posterior, incluindo a utilização de planos de aulas, organizados para trabalhar esta temática com estudantes diversos (Anexo 5), pois como consequência da formação do professor, todo esse ganho de conhecimento acabará chegando no educando, que é o grande agente transformador junto aos componentes desta engrenagem educacional e social.

O trabalho com os estudantes deve vir após ou junto ao processo de formação e ressignificação de conceitos dos profissionais da educação, por isso trouxe apenas no final uma sugestão de planos de aulas para o corpo discente. Lembrando que o estudante homossexual não deve ser tratado diferente ou pedagogicamente tenha que sofrer

adaptações por essa condição, mas apenas, que a este estudante não lhe seja negado e segregado amplo respeito ao conhecimento intelectual por sua condição sexual e que o silenciamento não seja mais uma violência a sofrer, principalmente pelo preconceito e falta de conhecimento de seus educadores.

Estabelecer caminhos e descobertas pedagógicas: um estudo sobre a identidade de gênero e a orientação sexual de forma dialógica, e respeitar ou *outro* na sua diversidade e Direitos Humanos pode ser sim, uma contribuição positiva para as novas formações sociais, associadas à descentralização do saber.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais /** Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.
- _____. Volume 10.5 **Temas transversais: orientação sexual.**
- BRASIL, **Diversidade Sexual na Educação:** problematizações sobre a homofobia nas escolas / Rogério Diniz Junqueira (organizador). – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.
- BRASIL, **Gênero e Diversidade na escola:** formação de professoras/es em gênero, orientação, sexual e relações étnico-raciais. Livro de conteúdo. Versão 2009 – Rio de Janeiro: CEPESC. Brasília: SPM, 2009.
- BRASIL, **II Seminário nacional gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais:** compromisso com o respeito e a igualdade – Brasília: Câmara dos Deputados, Edição Câmara, 2008. 141 p. – (Série ação parlamentar; n. 348).
- BRASIL, **Programa Brasil sem homofobia.** Caderno Escola sem homofobia. Ministério da Educação, 2004.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação.** Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.
- BASSO, Stella Cerruti. **Sexualidad Humana:** Aspectos para Desarrollar Docencia en educaci3n sexual. Montevideo: 1990.
- BOCK, Ana merc3s Bahia. Conselheira Presidente do Conselho Federal de Psicologia. **Resolu3o CFP nº 001/99 de 22 de mar3o de 1999.**
- FOLLARI, Roberto. **Estudios culturales, transdisciplinarietà e interdisciplinarietà** (¿hegemonismo en las ciencias sociales latinoamericanas?). Artículos y ensayos Utopía y Praxis Latinoamericana Año 6. Nº 14 (Septiembre, 2001) p. 40-47.
- KINSEY, Alfred. **Vamos falar de sexo.** Filme dirigido por Bill Condon, 2004.
- LOPES, Denilson. **Imagem e diversidade sexual:** Estudos da Homocultura. São Paulo: Nojosa edi3es, 2004. Vários autores. Berenice Bento, Sérgio Aboud e Wilton Garcia.
- NETO, José Baptista de Mello; AGNOLETI, Michelle Barbosa. **Dignidade sexual e diversidade humana:** cidadania e respeito para lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT), 2008.
- PRADO, Marco Aurélio Máximo. **Preconceito contra homossexualidades:** a hierarquia da invisibilidade, (outro autor). São Paulo: Cortez, 2008.
- RIBEIRO, Mara Rejane; Getúlio Ribeiro. **Educa3o em direitos humanos e diversidade:** diálogos interdisciplinares – Maceió: EDUFAL, 2012.

SANTOS, Larissa Medeiros Marinho; MIETO, Gabriela Sousa de Melo. Seção II. **A dimensão e as imagens do outro e do eu nos materiais didáticos**, 2015.

SOUZA Jr., José Geraldo de; SOUZA, Nair Heloisa Bicalho de. **Módulo VIII Direitos Humanos e Educação em Direitos Humanos**: problemas históricos, conceituais e de aplicação, 2015.

VANESSA, Caús Brandão Débora. **Parcerias Homossexuais – Aspectos Jurídicos**. Editora Revista dos Tribunais. São Paulo, 2002.

OUTRAS FONTES CONSULTADAS

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes. 1987.

_____. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal. 1988.

LIONÇO, Tatiana. **Homofobia e Educação**: um desafio ao silêncio. (outra organizadora). Brasília: LetrasLivres: Ed UnB, 2009.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do; DELMONDEZ, Polianne. **Sujeitos da Diversidade Cultural e da Desigualdade**.

_____. Módulo II Sujeitos da Diversidade Cultural e da Desigualdade Seção I Diferença, Diversidade e Multiplicidade.

_____. Módulo II Sujeitos da Diversidade Cultural e da Desigualdade Seção II Sujeitos da diversidade e suas vulnerabilidades.

_____. Módulo II Sujeitos da Diversidade Cultural e da Desigualdade Seção III Ética e estética na produção dos sujeitos dos direitos humanos.

PULINO, Lúcia Helena Cavasin Zabotto. **Seção I Tornar-se humano**.

_____. Módulo IV Tornar-se humano e os Direitos Humanos Seção II Tornar-se cidadã/cidadão: a ética na educação.

ANEXOS

ANEXO 1



Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia
Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação Lato Sensu

Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos no contexto da Diversidade Cultural.

**CAMINHOS E DESCOBERTAS PEDAGÓGICAS:
UM ESTUDO SOBRE A IDENTIDADE DE GÊNERO E A
ORIENTAÇÃO SEXUAL**

Aluno: Leonardo Silva Flôres
Tutora/Orientadora: Patrícia C. Campos Ramos.

- Obrigado pelo espaço e disponibilidade de todos
- Licença para fotos durante a exposição da pesquisa
- Atividades em duas etapas e uma optativa
- Registro escrito opcional

**Eu
te desafio
a me amar**

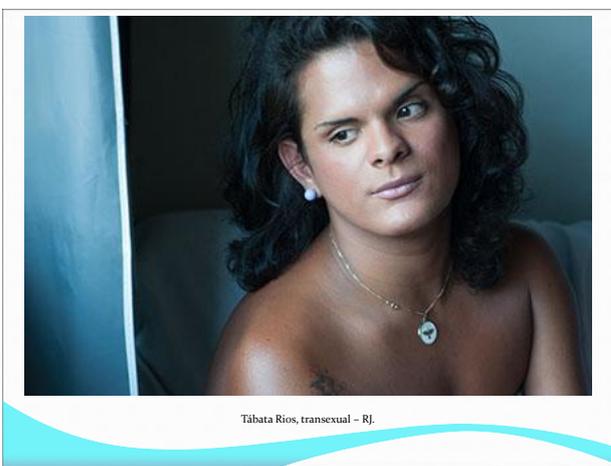
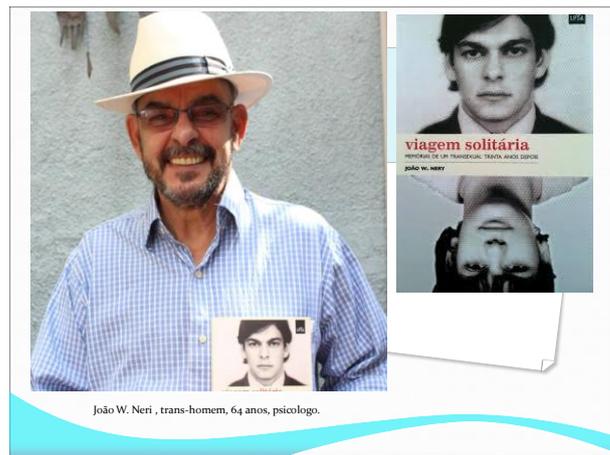
Diana Blok



Eduardo, ator, fashion designer e maquiador. Glauber, pesquisador de teatro – BSB.

Ricardo Luiz, 33 anos, Jardim Palmares, Morro da Paciência – RJ.

Ellen Oléria, cantora e compositora, casada com Poliana Martin, poeta – BSB.



Vamos refletir?

OBRIGADO !!!

Sugestão de filmes temáticos verificar censura

- Minha Vida em Cor de Rosa, filme francês disponibilizado em:

<http://www.youtube.com/watch?v=CnOAOQDrImxs>

De forma lúdica, porém não menos realista o filme nos revela o conflito de um menino de sete anos que se reconhece como uma futura menina (criança transgênero). A família passa por dificuldades de adequação ao filho (a) junto a vizinhança. O que eles vão dizer? Decidem fugir, negar, esconder para finalmente ...

- Praia do Futuro, um filme brasileiro/alemão com o ator Wagner Moura que relata a descoberta do desejo homossexual de um bombeiro por um estrangeiro que estava de passagem por Fortaleza-CE. Este filme causou polêmica na época de lançamento por receber no ticket de ingresso ao cinema um carimbo escrito "AVISADO" sobre o filme conter cenas gays, o que causou grande alvoroço da comunidade LGBTs por se caracterizar atitudes homofóbicas.

- Billy Eliot é um filme que retrata sobre o desejo de um menino em fazer balé, porém encontra preconceito e discriminação por parte de seu pai, um operário machista, que não entende o desejo do filho de querer dançar. O pai o coloca em aulas de boxe, mas Billy descobre o amor pela dança e junto à nova professora que o recebe, encontra apoio para seu talento. Em um final emocionante a família se estabelece percebendo que orientação sexual, identidade de gênero não são pré-requisitos para qualquer condição social ou desejo profissional.

- Kinsey - vamos falar de sexo, um filme norte americano de 2004 que traz a pesquisa realizada pelo cientista Alfred Kinsey e publicação de seu livro em 1948 Sexual Behavior in the Human Male (O Comportamento sexual do homem) sobre os comportamentos sexuais incluindo orientações e desejos sexuais. Por meio de entrevistas Kinsey causou uma transformação nos hábitos e costumes norte americanos que influenciam até os dias atuais.

- XXY, um filme argentino que traz em cenas sensíveis conflitos referentes ao filho(a) da família que nasce hermafrodita e sobre violências psicológicas na escola e na comunidade onde vivem por meio de preconceitos e discriminações, causando transtornos aos pais que não sabem lidar com essa situação. Após tentativas de melhoria a família resolve se isolar e esconder o 'problema', mas as necessidades humanas são mais fortes e eclodem sobre o desejo de resolução.

- Milk, conta a história de Harvey Milk, o primeiro homossexual declarado a ocupar um cargo público, além de militante das causas homoafetivas que trouxe para a cidade da Califórnia nos Estados Unidos por volta dos anos 1970 um novo discurso a ser defendido em relação à sua condição homossexual e aos demais que ali viviam, para que pudessem ser respeitados conforme sua condição humana e não terem sua dignidade abalada.

ANEXO 2

Plano de aula – ação interventiva.

Tema: Qualidades Humanas

Objetivo: Desenvolver a socialização entre os alunos e ou profissionais da educação por meio de atividade lúdico-pedagógica, acarretando em um ato de cidadania e respeito às Diversidades em seus Direitos Humanos e valorizando as qualidades do “ser humano”.

Série: Pode ser realizado com diversas idades, devendo ser adaptado às necessidades do grupo aplicado.

Metodologia:

- ✓ Organizar o grupo em forma de círculo;
- ✓ Recortar os papéis coloridos em pequenos quadrados e disponibilizar em uma mesa no centro da roda;
- ✓ Para cada cor relacionar uma qualidade do Ser Humano (deixar escrito no quadro a cor e a qualidade correspondente);
- ✓ Em uma folha branca cada participante vai colocar seu nome;
- ✓ Com uma música ambiente as folhas serão circuladas no sentido horário e a cada recebimento da folha com o nome, o integrante do grupo que receber a folha acrescentará um papel colorido referente a qualidade que mais lhe chama atenção sobre o dono da folha;
- ✓ A atividade termina quando o dono recebe sua própria folha.

Recursos materiais e humanos: Papéis coloridos, cola, papel ofício branco, caneta ou lápis, quadro negro, giz e som.

Avaliação: Ao final da atividade, cada dono da folha a receberá preenchida com as qualidades que o grupo percebe em seu comportamento, assim depois de uma análise individual o integrante poderá expor como ele se sentiu fazendo o exercício e qual a avaliação dele ao receber sua folha preenchida. É interessante que o condutor da atividade chame a atenção para a diversidade de cada integrante e como cada um tem seu papel de importância dentro da convivência social, assim, respeitando o outro em suas qualidades e contribuições ao meio ambiente ao qual estão inseridos, lembrando que o meio ambiente começa dentro de cada um de nós e que independente da orientação sexual e identidade de gênero, somos todos semelhantes.

ANEXO 3

Tema: Somos todos semelhantes

Objetivo: Desenvolver uma análise crítica reflexiva sobre as imagens propostas pela exposição “eu te desafio a me amar” da fotógrafa Diana Blok. Respeitando às Diversidades em seus Direitos Humanos e valorizando as qualidades do “ser humano” por sermos todos semelhantes.

Série: Pode ser realizado com diversas idades, devendo ser adaptado às necessidades do grupo aplicado.

Metodologia:

Neste exercício será desenvolvido o estudo sobre como os profissionais da educação lidam com a orientação sexual e identidade de gênero de nossos educandos.

Iniciaremos um debate e estudo sobre as imagens fotográficas disponíveis em power point da exposição *Eu te desafio a me amar*,⁷ - da fotógrafa Uruguaia Diana Blok, que passou por Brasília em 2014.

O trabalho da fotógrafa expõe a temática LGBTs (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Travestis e Transexuais) e por meio das imagens registradas por Diana, nos fazem refletir sobre a orientação sexual e a identidade de gênero. Uma realidade vivida por várias pessoas do Rio de Janeiro e Brasília que sofrem por terem uma condição de comportamento associados a orientação sexual e identidade de gênero não pertencente aos padrões hegemônicos e heteronormativos.

Assim, trazer o pensar e refletir sobre como nós profissionais da educação podemos contribuir na formação destas identidades de forma natural e não impositiva, pois na maioria dos casos o que fica são os traumas e as violências físicas e psicológicas durante o processo de descoberta e aceitação.

Discutir formas de inclusão e interação social e encontrar juntos mecanismos para uma cultura de paz e não a construção de violência e intolerância veladas pelo silenciamento.

⁷ O projeto "Eu te desafio a me amar" objetiva contribuir para a visibilidade das demandas sobre os direitos humanos da população LGBT no Brasil. A iniciativa conjuga exposição de fotografia da artista visual holandesa/uruguaia Diana Blok (<http://www.dianablok.com/see-through-us/>), que retrata personalidades, famílias e militantes LGBT no Brasil desde 2013; e fóruns de debates políticos sobre o tema. As atividades terão início em abril e se estendem até maio, mês internacional de combate à homofobia, e ocorrerão em Brasília e Rio de Janeiro.

Também devemos salientar a atenção para os direitos humanos, o respeito na diversidade com alunos LGBTs e tentar esclarecer dúvidas e preconceitos, assim buscar na convivência diária escolar o crescimento intelectual e de conteúdo de forma harmoniosa.

Abaixo uma breve informação sobre o trabalho da fotógrafa Uruguaia Diana Blok e sua exposição que passou por Brasília.

Eu te desafio a me amar

Publicado em 17/04/2014 11:15



Exposições de Fotografia

Eu te desafio a me amar, exposição da artista Diana Blok, coloca em foco a identidade sexual no Brasil, a diversidade das relações afetivas e as questões de alteridade. O trabalho de 'ativismo visual' traz imagens e depoimentos sobre os desafios de existência na relação com o outro, ao mesmo tempo em que sinaliza para processos de identificação no compartilhamento de aspectos da vida comum da qual fazem parte a família, a intimidade da casa, o cotidiano, o trabalho, o cuidado com a beleza e os desejos de pertencimento. (Cinara Barbosa- Curadoria)

Diana Blok é uma fotógrafa holandesa-uruguaia de renome, com diversos livros publicados e exposições realizadas ao redor do mundo. No ano passado, ela esteve no Brasil e participou do Cena Contemporânea, em Brasília, com o projeto Adventures in cross-casting (iniciativa concebida em 1997 para o Theater Institute in Amsterdam-TIN), com o registro de 40 atores e atrizes encarnando um personagem do sexo oposto. Diana utiliza a fotografia e filme para criar uma consciência sobre a liberdade/respeito das escolhas pessoais em torno de gênero e cor, identidade e credo. No projeto "Eu te desafio a me amar", além de fotografar artistas, militantes e personalidades políticas LGBT, Diana produziu imagens de diferentes cidadãos de cinco comunidades do Rio de Janeiro e de Brasília.

O Inesc e os direitos humanos da população LGBT

O Inesc – Instituto de Estudos Socioeconômicos é uma organização não governamental, sem fins lucrativos, que atua na promoção dos direitos humanos há 30 anos no Brasil. Na agenda LGBT, avalia-se que apesar de avanços na promoção dos direitos desta população nos últimos anos, também se tem verificado retrocessos no Legislativo e timidez por parte do Executivo em implementar políticas públicas de promoção da diversidade. Neste cenário, a população LGBT tem sofrido todo tipo de violências, resultantes da omissão do Estado em transformar culturalmente a sociedade brasileira e de fato garantir direitos civis a este segmento. O projeto *Eu te desafio a me amar* é uma contribuição do Inesc para esta agenda, voltada para a promoção dos direitos LGBT no Brasil.

Referencia Bibliográfica.

<http://www.inesc.org.br/destaques-principais/biblioteca/textos/eu-te-desafio-a-me-amar>

(visto em 01/09/2015 as 10h10).

ANEXO 4

Sugestão de filmes com temática LGBTs. Observar a censura de cada filme e suas peculiaridades.

- Billy Eliot é um filme que retrata sobre o desejo de um menino em fazer balé, porém encontra preconceito e discriminação por parte de seu pai, um operário machista, que não entende o desejo do filho de querer dançar. O pai o coloca em aulas de boxe, mas Billy descobre o amor pela dança e junto à nova professora que o recebe, encontra apoio para seu talento. Em um final emocionante a família se estabelece percebendo que orientação sexual, identidade de gênero não são pré-requisitos para qualquer condição social ou desejo profissional.
- XXY um filme argentino que traz em cenas sensíveis conflitos referentes ao filho/a da família que nasce hermafrodita e sobre violências psicológicas na escola e na comunidade onde vivem por meio de preconceitos e discriminações, causando transtornos aos pais que não sabem lidar com essa situação. Após tentativas de melhoria a família resolve se isolar e esconder o ‘problema’, mas as necessidades humanas são mais fortes e eclodem sobre o desejo de resolução.
- Praia do Futuro, um filme brasileiro/alemão com o ator Wagner Moura que relata a descoberta do desejo homossexual de um bombeiro por um estrangeiro que estava de passagem por Fortaleza-CE. Este filme causou polêmica na época de lançamento por receber no ticket de ingresso ao cinema um carimbo escrito “AVISADO” sobre o filme conter cenas gays, o que causou grande alvoroço da comunidade LGBTs por se caracterizar atitudes homofóbicas.
- Kinsey - vamos falar de sexo, um filme norte americano de 2004 que traz a pesquisa realizada pelo cientista Alfred Kinsey e publicação de seu livro em 1948 Sexual Behavior in the Human Male (O Comportamento sexual do homem) sobre os comportamentos sexuais incluindo orientações e desejos sexuais. Por meio de entrevistas Kinsey causou uma transformação nos hábitos e costumes norte americanos que influenciam até os dias atuais.
- Milk, conta a história de Harvey Milk, o primeiro homossexual declarado a ocupar um cargo público, além de militante das causas homoafetivas que trouxe para a cidade da Califórnia nos Estados Unidos por volta dos anos 1970 um novo discurso a ser defendido em relação à sua condição homossexual e aos demais que ali

viviam, para que pudessem ser respeitados conforme sua condição humana e não terem sua dignidade abalada.

ANEXO 5

Plano de aula 1

Tema: Qualidades Humanas

Objetivo: Desenvolver a socialização entre os alunos por meio de atividade lúdico-pedagógica acarretando em um ato de cidadania e respeito às Diversidades em seus Direitos Humanos e valorizando as qualidades do “ser humano”.

Série: Pode ser realizado com diversas idades, de preferência em um grupo que já se conheçam e que estejam em conflito.

Metodologia:

- ✓ Organizar o grupo em forma de círculo;
- ✓ Recortar os papéis coloridos em pequenos quadrados e disponibilizar em uma mesa no centro da roda;
- ✓ Para cada cor relacionar uma qualidade do Ser Humano (deixar escrito no quadro a cor e a qualidade correspondente);
- ✓ Em uma folha branca cada aluno vai colocar seu nome;
- ✓ Com uma música ambiente as folhas serão circuladas no sentido horário e a cada recebimento da folha com o nome, o integrante do grupo completará com a cor da qualidade que mais lhe chama atenção do dono da folha;
- ✓ A atividade termina quando o dono recebe sua própria folha.

Recursos materiais e humanos: Papéis coloridos, cola, papel ofício branco, caneta ou lápis, quadro negro, giz e som.

Avaliação: Ao final da atividade, cada dono da folha a receberá preenchida com as qualidades que o grupo percebe em seu comportamento, assim depois de uma análise individual o integrante poderá expor como ele se sentiu fazendo o exercício e qual a avaliação dele ao receber sua folha preenchida. É interessante que o condutor da atividade chame a atenção para a diversidade de cada integrante e como cada um tem seu papel de importância dentro da convivência social, assim, respeitando o outro em suas qualidades e contribuições ao meio ambiente ao qual estão inseridos, lembrando que o meio ambiente começa dentro de cada um de nós.

Plano de aula 2

Nível de ensino/série: 3º ano do Ensino Médio

Contexto da escola: Escola particular confessional

Características da turma: Adolescentes prestes a fazer vestibular, decidir uma profissão, quem sabe já ir para o mercado de trabalho, em alguns casos ser o ‘responsável adulto’ em casa como os irmãos ou parentes e ainda ser metade criança metade adulto.

O tema da aula: TRANSeuntes: Ciência, Identidade e os Direitos Humanos.

Ambientação da sala: Vários espelhos pendurados pela sala, música ambiente ‘meditação, yoga, new age, sacras ou instrumentais’ e cartazes com palavras de reforço positivo.

Materiais, procedimentos e estratégias: Reportagens e imagens disponibilizadas pelo professor, data show, espelhos, lápis de cor, folha A4, divisão de grupos em sala, debates, leitura de imagens, contextualização do assunto.

Desenvolvimento da aula: Ao entrar em sala os alunos pegam um dos espelhos pendurados, tomariam seus assentos divididos em quatro grupos aleatórios, de olhos fechados faríamos uma meditação ou apenas acalmar o corpo/mente, em seguida cada aluno faria uma criação de imagem visual de como ele se vê interiormente, logo desenharia em uma folha, depois, ao se ver no espelho também desenharia a imagem que viu. Assim teremos uma imagem visual criada e sentida e outra vista fisicamente.

Em seguida é entregue uma reportagem (segue em anexo) para cada grupo ler e discutir, após cada grupo apresentar sua reportagem defendendo-a e o restante da turma argumentaria acusando e discriminando e os apresentadores mantendo a defesa (mesmo sem acreditar se for o caso).

Avaliação: Será subjetiva do professor baseado nos debates e análises críticas desenvolvidas pelos alunos e também em uma produção escrita de uma lauda sobre as análises feitas, assim, registrando o que foi desenvolvido.

Plano de aula 3

Tema: Como eu me vejo e como você me vê

Professor: Leonardo Flôres

Turma: Ensino Fundamental – séries finais.

Conteúdo: Discutir sobre o processo de formação da identidade de gênero.

Atividade: Assistir ao filme francês “Minha Vida em Cor de Rosa”. De forma lúdica, porém não menos realista o filme nos revela o conflito de um menino de sete anos que se reconhece como uma futura menina (criança transgênero). A família passa por dificuldades de adequação ao filho (a) junto à vizinhança. O que eles vão dizer? Decidem fugir, negar, esconder para finalmente... Após o filme, debater de forma clara e objetiva a situação encontrada pela família do protagonista. Com os olhos fechados cada aluno tentará de ver por dentro, como ele se sente de verdade e depois desenhar, após esta etapa, em duplas os alunos irão desenhar uns aos outros e depois lhe revelar o desenho, demonstrando assim como ele é visto socialmente.

Duração: 55 minutos. Porém, serão necessárias mais aulas para assistir ao filme e desenvolver a atividade proposta pelo professor.

Recursos: Data show e cabos, caixa de som e cabos, internet, folhas em branco A4, lápis de cor, giz de cera ou tinta guache com pincel.

Competências: Proposição de sentidos, significados e reconhecimento.

Habilidades: Analisar, refletir e reelaborar conceitos e conteúdos atuais das relações humanas por meio das artes.

Avaliação: A avaliação será através do desenvolvimento da turma e individualmente de cada aluno de forma subjetiva condicionada a formação do professor regente podendo utilizar as avaliações em formato de debates e artes visuais criados pelos alunos.

Objetivo: Desenvolver com o aluno a construção do senso crítico, as relações inter e intrapessoal, o levantamento de conceitos e também iniciar um processo de construção do respeito ao outro na sua diversidade.